

Sinopse da exposição *Matéria do Esquecimento* Por Sofia Leitão, 2011

"Não esqueçamos o esquecimento"

Esta frase de Jean-Marie Straub, no contexto do filme Fortini/Cani, sobre a História e o Vazio, que a pouco e pouco se forma à volta de tudo o que nos rodeia, e que acaba por produzir, conscientemente ou não, o esquecimento, foi o ponto de partida para esta exposição. Toda a cultura produz esquecimento, sendo este um processo inevitável e natural, pois todas as gerações crescem umas sobre as outras, habitando os mesmos espaços, pisando o passado, literal e simbolicamente, num processo que em tudo se assemelha ao que ocorre numa paisagem. Parto deste ponto, onde Geologia e Conhecimento se tocam, porque tal como todas as paisagens se vão construindo pela sucessiva destruição da paisagem anterior, assim acontece também no mundo cultural, com as suas representações simbólicas, que vão crescendo ao se alicerçarem no que fica soterrado.

Esta ideia subjacente de acumulação de sucessivos níveis de informação (cultura), explorada neste conjunto de peças, é representada pela utilização de um considerável número de livros antigos (maioritariamente do sec.XIX), que poderá ser entendida como uma montanha, onde os livros mais recentes estariam no topo, tornando-se mais antigos à medida que se encontram mais próximos da base, como se de um corte estratigráfico se tratasse.

Tal como aconteceria num fenómeno geológico, a pressão causada pelo peso de toda a matéria acumulada (simbolizada pelos livros) geraria energia e calor. Desta forma, o fim expectável dessa informação antiga e obsoleta, que outrora representou o mundo em que se vivia, perde-se através da cristalização ou da liquefacção numa torrente de ouro. Por fim, outro aspecto que considero importante, é a ambivalência entre o Natural / Artificial. Estas peças, ao representarem simultaneamente fenómenos e processos naturais (metais, minerais) e culturais (na utilização de livros) que pela sua antiguidade são o testemunho físico de uma outra era do conhecimento, pretendem reflectir sobre o tempo geológico, e o tempo Histórico. Desta forma, recorro ao uso de matérias que são em grande medida conotadas com o artifício (plástico, aço, espelho), produzidos industrialmente, remetendo desta maneira para o que parece ser simultaneamente natural e artificial, num mundo onde estas supostas delimitações se esbatem como nunca antes na história da humanidade.